

NARRATIVAS DE PAIS SURDOS ACERCA DE FILHAS OUVINTES MEMÓRIAS SINALIZADAS

*NARRATIVES FROM DEAF PARENTS ABOUT LISTENING
DAUGHTERS: SIGNED MEMORIES*

*NARRATIVAS DE PADRES SORDOS SOBRE HIJAS
OYENTES: MEMORIAS EN SINIAIS*

Pedro Luiz dos Santos Filho¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

libras.jr@gmail.com

Resumo: Apresenta-se, neste trabalho, um recorte da pesquisa para tese em Educação que procurou investigar a experiência vivida por uma família com Coda, constituída por pais surdos e duas filhas ouvintes, nos processos de interação no cotidiano. Coda (Children Of Deaf Adults) termo que corresponde aos filhos ouvintes de pais surdos. Tomou-se como objetivo geral, analisar narrativas de pais surdos acerca de seus filhos ouvintes no cotidiano familiar. Como objetivos, foram propostos: identificar em narrativas as relações que se estabelecem entre pais surdos e as filhas ouvintes; descrever o processo de interação numa família com Coda pelas narrativas dos pais; analisar os processos de interação numa família com Coda a partir das narrativas dos pais. Como procedimento metodológico de recolha e análise das fontes, recorreremos à entrevista narrativa proposta por Jovchelovitch e Bauer (2014). As entrevistas foram gravadas por câmera filmadora, equipamento adequado para registro da língua de sinais. Destacam-se como resultados: a) uso da Libras com as filhas desde a infância; b) uso maior da Libras no seio familiar e nos espaços sociais primeira pela primeira filha; c) atuação da primeira filha como intérprete; d) pouco uso da Libras no seio familiar e no contexto social pela filha mais nova. Conclui-se que a família com Coda é bilíngue por utilizar duas línguas, uso distintos da língua de sinais pelas filhas em tempos diversos (infância, adolescência e fase adulta).

Palavras-chave: Família com Coda. Coda. Libras. Pais Surdos.

Abstract: This work presents an excerpt from the research for a thesis in Education that sought to investigate the experience of a family with Coda, consisting of deaf parents and two hearing daughters, in the processes of daily interaction. Coda (Children Of Deaf Adults) term for hearing children of deaf parents. The general objective was to analyze the narratives of deaf parents about their hearing children in the family's daily life. As objectives, the following were proposed: to identify in narratives the relationships established between deaf parents and hearing daughters; describe the interaction process in a family with Coda through the parents' narratives; analyze the interaction processes in a family with Coda from the parents' narratives. As a methodological procedure for collecting and analyzing the sources, we resorted to the narrative interview proposed by Jovchelovitch and Bauer (2014), the interviews were recorded by a video camera, suitable equipment

¹ Doutor em Educação pelo PPGED/UFRN, lotado no Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação (DFPE / CE / UFRN), docente permanente no Programa de Pós-graduação em Educação Especial (PPGEESP/UFRN).

for recording sign language. Outstanding results are: a) use of Libras with their daughters since childhood; b) greater use of Libras within the family and in social spaces first by the first child; c) acting of the first daughter as an interpreter; d) little use of Libras within the family and in the social context by the youngest daughter. It is concluded that the family with Coda is bilingual because they use two languages, different use of sign language by their daughters at different times (childhood, adolescence and adulthood).

Keywords: Family with Codas. Codas. Pounds. Deaf Parents.

Resumen: Este trabajo presenta un extracto de la investigación para una tesis en Educación que buscó indagar en la experiencia de una familia con Coda, conformada por padres sordos y dos hijas oyentes, en los procesos de interacción diaria. Coda (un término para niños de adultos sordos) para los niños oyentes de padres sordos. El objetivo general fue analizar las narrativas de los padres sordos sobre sus hijos oyentes en la vida diaria de la familia. Como objetivos se propusieron los siguientes: identificar en narrativas las relaciones que se establecen entre padres sordos e hijas oyentes; describir el proceso de interacción en una familia con Codas a través de las narrativas de los padres; Analizar los procesos de interacción en una familia con Codas a partir de las narrativas de los padres. Como procedimiento metodológico para la recolección y análisis de las fuentes, se recurrió a la entrevista narrativa propuesta por Jovchelovitch y Bauer (2014), las entrevistas fueron grabadas por una cámara de video, equipo adecuado para grabar el lenguaje de signos. Los resultados sobre salientes son: a) uso de Libras con hijas desde la infancia; b) mayor uso de Libras dentro de la familia y en los espacios sociales primero por parte del primero hijo; c) actuación de la primera hija como intérprete; d) escaso uso de Libras dentro de la familia y en el contexto social por parte de la hija menor. Se concluye que la familia con Coda es bilingüe porque utilizan dos idiomas, diferente uso de la lengua de signos por parte de sus hijas en diferentes momentos (infancia, adolescencia, edad adulta).

Palabras clave: Familia con Coda. Codas. Libras. Padres sordos

1. Introdução: o ponto de partida

Este artigo foi escrito a partir da minha pesquisa de doutorado que objetivou analisar narrativas da experiência de uma família com Coda sobre processos de interação no cotidiano. Neste artigo, o destaque fosse dado às narrativas dos pais surdos.

A sigla Coda corresponde a Children of deaf adults, que surgiu nos Estados Unidos e é utilizada por entidades que desenvolvem trabalhos relacionados com filhos de pais surdos, também usado no Brasil (SOUZA, 2014).

Para construção deste trabalho, foi realizada uma pesquisa na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) / Instituto Brasileiro de Informações em Ciência e Tecnologia, onde se buscou investigar sobre **crianças ouvintes de pais surdos**.

Foram utilizados os seguintes descritores: “**narrativas de filhos ouvintes de pais surdos**” e depois “**Codas**”, resultando em estudos de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado. É interessante ressaltar que o primeiro trabalho foi no ano de 2011 e o último, até o fim da nossa busca, foi em 2020. Depois de 2011, outros trabalhos foram surgindo

com esse objeto de estudo. Vale salientar que são pesquisas bastante recentes que mostram a relevância da temática, bem como sua inserção no campo acadêmico do Brasil.

Nesse levantamento, foram encontradas duas dissertações sobre filhos de pais surdos. A primeira discute a construção de identidades dos indivíduos ouvintes no convívio familiar com pais surdos a partir de reflexões sobre socialização e surdez (ANDRADE, 2011). A segunda é a de Neves (2012), que investigou os processos de aquisição de duas línguas de diferentes modalidades – oral/auditiva e visual/espacial, buscando entender a relação das crianças com a língua de sinais (LSB - Língua de Sinais Brasileira) e a língua falada (PB - Português Brasileiro).

Não havendo plena satisfação com os poucos achados de pesquisas, prosseguiu-se na busca, encontrando-se, em terceiro lugar, a pesquisa de Pereira, (2013) com título: “Nascidos no silêncio: as relações entre filhos ouvintes e pais surdos na educação”. O foco foi discutir as relações familiares entre pais e filhos, mostrando as diferenças em relação às famílias que não possuem pessoas surdas nas interações familiares, desmistificando preconceitos e pré-conceitos. O quarto trabalho encontrado foi o de Souza (2014), objetivando compreender como se estabelece o perfil profissional do tradutor e intérprete de Libras, partindo do princípio de que alguns desses profissionais são ouvintes e tiveram vivências com familiares surdos. Ainda em 2014, foi encontrada a pesquisa de Streiechen (2014), investigando a aquisição da língua de sinais pelos filhos ouvintes de pais surdos a partir de um estudo de caso pela Universidade Estadual do Centro – Oeste, Paraná (UNICENTRO). Continuando a pesquisa com o descritor Codas, Sander (2016) apresenta reflexões acerca de processos comunicativos e aspectos da aprendizagem e desenvolvimento dos filhos ouvintes de pais surdos. O contexto familiar apresentava aspectos da educação bilíngue – Libras e Língua Portuguesa, e o objeto de estudo foi a percepção de pais surdos sobre os aspectos: social, emocional e educacional. Em seguida, Silva (2016) apresenta um trabalho intitulado: “Codas Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais Brasileira: percurso para o profissional a partir das experiências vivenciadas enquanto Coda”. Outra pesquisa comparou o processamento auditivo de crianças filhas de surdos, que foram pouco expostas à língua oral no início de suas vidas, com o de crianças filhas de ouvintes (MONTEIRO, 2017).

Mais uma dissertação foi encontrada, a de Brancalione (2019). O trabalho evidenciou que os estímulos constantes nas duas línguas possibilitaram que crianças aos cinco anos de idade já consigam se comunicar por meio das duas línguas. Em 2020, duas teses são defendidas no campo acadêmico envolvendo os filhos ouvintes de pais surdos; os trabalhos foram: “Experiências vividas por filhas ouvintes e pais surdos: uma família, duas línguas” (SANTOS FILHO, 2020) pesquisa desenvolvida pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e a outra pesquisa intitulada “Narrativas de filhos ouvintes de pais surdos – codas, Sobre o crescer bilíngue” (SANDER, 2020), desenvolvida pela Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Verificou-se que existe uma escassez de pesquisas empíricas direcionadas a essa temática, embora tenhamos encontrado esses estudos que enfatizam os processos de constituição da identidade dos filhos de pais surdos e seu processo de socialização e subjetivação, interesses acadêmicos sobre os Codas vêm tomando cada vez mais espaços no campo acadêmico. Aponta-se a necessidade de produção de pesquisas sobre a temática

no contexto familiar e educacional a partir das memórias e relações sociais e afetivas, sobretudo, saber o que dizem os pais surdos sobre seus filhos ouvintes, uma vez que os trabalhos encontrados na sua maioria destacaram os filhos ouvintes.

Isso revela o ineditismo pretendido na trajetória da construção deste trabalho envolvendo essa temática com destaque dos pais surdos. Dito isto, o presente trabalho analisou narrativas de pais surdos acerca de seus filhos ouvintes no cotidiano familiar. E para alcançar o resultado pretendido foram propostos os seguintes objetivos específicos: identificar, em narrativas, as relações que se estabelecem entre pais surdos e as filhas ouvintes; descrever o processo de interação numa família com Cotas pelas narrativas dos pais; analisar os processos de interação numa família com Cotas a partir das narrativas dos pais.

No próximo item deste trabalho, apresento um referencial teórico que se constitui base para compreendermos as questões que envolvem uma família.

2. As dimensões necessárias à família com Cotas – nosso referencial

Discutir questões relacionadas às pessoas surdas sempre é um desafio, questões essas, que são inerentes às comunidades surdas. Uma dessas indagações que julgo bastante pertinente: dar visibilidade aos aspectos linguísticos da comunidade surda no Brasil, bem como a dimensão comunicacional a partir da Língua Brasileira de Sinais (Libras) nas interações sociais. No âmbito da interação social, é válido ressaltar a comunicação e linguagem na família. Destaco neste estudo a relação dos filhos ouvintes e pais surdos, constatando-se inicialmente na literatura científica, pouca visibilidade dessa temática no campo acadêmico.

As crianças ouvintes com pais ou responsáveis surdos estão imersas em duas línguas com estruturas e modalidades diferentes. A aquisição da língua de sinais ocorre no contexto familiar e a língua portuguesa oral e escrita com familiares e amigos e posteriormente se constitui como signo mediador dos processos escolares, bem como das funções psicológicas superiores.

A seguir apresento o conceito de língua de sinais brasileira que fundamenta a composição deste trabalho.

A Libras é uma língua nacional com fluxo no Brasil de modalidade visuoespacial², diferente das línguas orais que possuem modalidade oral-auditiva, utiliza:

[...] como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos. Mas as diferenças não estão somente na utilização de canais diferente, estão também nas estruturas gramáticas de cada língua (Felipe, 2001, p.19).

Fica claro, a partir do que se coloca acima, que as línguas são usadas por grupos de pessoas diferentes e possuem modalidades distintas. A Língua Brasileira de Sinais é reconhecida oficialmente pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e regulamentada pelo

² Termo empregado para indicar que as informações linguísticas são recebidas pelos olhos e produzida pelas mãos, como afirma Quadros, 2004, p.47 - 48.

Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Essas legislações legitimam essa língua como sistema linguístico com estrutura gramatical própria possibilitando a transmissão de ideias e fatos, oriundos das comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002). O status de língua se deu a partir dos estudos desenvolvidos por William Stokoe, por volta dos anos 1960 esse pesquisador desenvolveu pesquisas linguísticas nas Línguas de Sinais Americana (ASL), desde então, muitas pesquisas foram desenvolvidas afirmando, ainda mais, o status de língua as línguas de sinais utilizadas por pessoas surdas. Como afirma Quadros e Karnopp (2004, p.30):

As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua dos sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças.

Vale lembrar que as línguas de sinais possuem uma gramática e não são universais. Cada país possui sua língua como, por exemplo: nos Estados Unidos, Língua de Sinais Americana - ASL; na França, Língua de Sinais Francesa – LSF (FELIPE, 2001; COUTINHO, 2009; GESSER, 2009).

O **surdo**³ que descrevo neste trabalho é a pessoa que usa a Libras como principal meio de comunicação. Essa apropriação da Libras constitui a cultura e identidade desse sujeito no contato com as comunidades surdas.

Quanto aos filhos **ouvintes de pais surdos**, como mencionado acima, são pessoas que participam da comunidade surda, mas pouco se fala sobre eles. Eles também são conhecidos aqui no Brasil como Codas, conceituando esse termo, Souza (2014, p. 33):

O termo Coda é na verdade uma abreviação de origem norte-americana correspondente a Children Of Deaf Adults, utilizada por uma organização internacional que desenvolve trabalhos envolvendo filhos de pais surdos.

As famílias de pais surdos e filhos ouvintes podem apresentar a Libras como principal meio de interação e socialização. O desenvolvimento da linguagem está associado aos aspectos cognitivos. Utilizamos como aporte teórico o conceito de Vygotski (1991) acerca da linguagem e suas inter-relações como as funções psicológicas superiores. Nessa perspectiva, as interações mediadas pela linguagem e cultura são alicerces para desenvolvimento das habilidades cognitivas como o pensamento, memória, abstração. Tais habilidades são essenciais para a socialização e aprendizagem do ser humano.

Acredita-se, portanto, que a criança ouvinte no contexto de interação com pais surdos tem contato com a Língua Brasileira de Sinais e com situações sociais de utilização da língua portuguesa oral. Esses indivíduos desenvolvem habilidades em duas línguas diferentes. Nessa perspectiva, tais crianças aprendem e interagem na perspectiva bilingue.

³ Pessoa que compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras. (BRASIL, 2005)

O bilinguismo neste trabalho será compreendido como o uso de duas línguas em um ambiente familiar e social. Quadros (2012) apresenta o bilinguismo como uma competência linguística em duas línguas, seja individualmente ou em grupo.

As crianças tornam-se bilíngues por muitas razões: imigração, educação, residência temporária em outro país ou simplesmente por nascer em um ambiente que assume o bilinguismo. (NEVES, 2013, p. 34)

Os filhos ouvintes de pais surdos assumem a condição de bilíngues pela circunstância linguística de seus pais. Nessa condição, os filhos interagem com seus pais surdos através de uma língua visual-espacial e em seguida compartilham a língua oral com outros familiares ouvintes. Os usos das línguas orais são reforçados ainda pela inserção do ambiente educacional, no qual a mediação do conhecimento ocorre na dimensão interpessoal de comunicação e linguagem. Neves (2013) afirma que as línguas usadas pela criança tem papel fundamental para o processo de aquisição da linguagem, constituindo-se alicerces para o desenvolvimento cognitivo.

Nessa perspectiva, outra questão que enfatizo é o bilinguismo bimodal. Para Neves (2013) a maioria dos estudos bilíngues aborda o bilinguismo unimodal, [...] **“o estudo de duas línguas da mesma modalidade” (p. 39).**

O foco deste trabalho consiste em contribuir com pesquisas que envolvem o bilinguismo bimodal, ou seja, o uso de duas línguas com modalidades diferentes, como por exemplo: a língua visuoespacial (Libras) e a Oral-Auditiva (Língua Portuguesa).

Uma criança ouvinte filha de pais surdos é geralmente exposta primeiramente à língua de sinais. Considero importante salientar que cada história de vida é única. Minha experiência com meus pais surdos e familiares surdos não deve ser tomada como referência. Somos todos únicos e ao mesmo tempo um mosaico de “outros” com os quais convivemos. (OLIVEIRA, 2014, p. 278)

A autora afirma que a criança mesmo sendo ouvinte, aprende primeiramente a língua de sinais, pela condição linguística dos pais. E salienta que devemos estar atentos às histórias de vida, pois possuem singularidades e especificidades.

No ano de 2017, foi publicada a primeira obra no Brasil que trata dessa temática, o livro intitulado “Língua de Heranças: língua brasileira de sinais”, da Professora Doutora Ronice Müller de Quadros, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A autora nos apresenta a teoria sobre língua de herança relacionada aos Cotas no Brasil, contribuindo para a ampliação de estudos voltados à comunidade surda, à Libras e aos filhos ouvintes de pais surdos. A Libras consiste em uma língua de herança, uma vez que é utilizada por uma comunidade local dentro de uma outra comunidade que utiliza uma língua de forma abrangente, que é o caso da Língua Portuguesa (QUADROS, 2017). Ela ainda explica que os surdos, por exemplo, crescem fazendo o uso das duas línguas.

Dessa forma, esse falante tem a oportunidade de compartilhar duas experiências culturais e linguísticas diferentes. O falante de herança cresce

com uma língua de herança e com a língua usada em sua comunidade mais geral, portanto, é supostamente um bilíngue com duas línguas (ou mais) línguas nativas (QUADROS, 2017, p. 1)

Embora os filhos ouvintes e os pais surdos sejam brasileiros, eles possuem como primeira língua a Libras que é uma língua nacional, mas não o idioma oficial do país. Tornam-se bilíngues genuínos devido ao uso de duas línguas nacionais no âmbito familiar, compartilhando modos de vidas diferentes entre surdos e ouvintes.

Outro elemento, inerente a essas pessoas, é a **cultura que**, neste trabalho, considera-se como um conjunto de ações que nos é apresentado ao longo do tempo, em diferentes contextos, inicialmente, pela família, por exemplo, por meio da língua, crença, valores, etc., impondo, portanto, modos de ver, compreender, apreciar o mundo (HALL, 2016).

A **cultura surda** é baseada nas experiências visuais vivenciadas pelas pessoas surdas. Para Perlin e Miranda (2003), a experiência visual substitui a audição pela visão. Os surdos passam a ouvir pelos olhos e a falar pelas mãos, a língua de sinais é a principal marca da experiência visual, nela se consubstancia a cultura surda.

Esta mudança nas novas concepções sobre o sujeito surdo ocorrida nos últimos tempos, cada vez mais se aproxima de uma ótica antropológica, que busca estudar a língua desta comunidade, e compreender a identidade do indivíduo surdo e sua cultura (PEIXOTO, 2011, p.31)

Essa autora nos convida a nos desmontar dos velhos paradigmas, tomando esses sujeitos como indivíduos com identidade linguística e cultural, de modo que passemos a enxergar o surdo, a Libras e sua cultura como elementos constituintes das pessoas surdas que, antes, eram apenas consideradas pessoas com deficiência. Ela nos convida, ainda, a empregar o termo “povo surdo”, já recorrente entre a comunidade surda, pesquisadores da área dos estudos surdos e que precisa, urgentemente, ser usado em substituição ao termo “deficiente auditivo”, bastante propagado pelo senso comum.

Diante de tudo o que foi dito até agora, neste trabalho, sem sombra de dúvidas se faz necessário compreender essas dimensões que fazem parte de uma família com Coda: a língua, a cultura, a configuração familiar (pais surdos e filhos ouvintes) e o uso de duas línguas com modalidades diferentes.

3. Caminhos da pesquisa – reconhecendo a voz dos pais surdos em sua plenitude.

Buscou-se, neste artigo, a fundamentação do ponto de vista teórico e prático da pesquisa (auto)biográfica, tipo de princípio de pesquisa que também se caracteriza como pesquisa qualitativa. Seu método permite a investigação de questões ainda obscuras no cotidiano de pessoas e suas experiências no contexto social.

Dessa forma, a pesquisa (auto)biográfica alicerça-se na relevância epistemológica, inserindo a pessoa humana como o principal interesse do pesquisador e, a partir das

narrativas autobiográficas, compreender a subjetividade e o processo de ressignificação existente nas pessoas (PASSEGGI, 2011).

Optou-se pelo método de pesquisa a Entrevista Narrativa Autobiográfica, por ser uma metodologia de pesquisa qualitativa, na qual as experiências vivenciadas pelos participantes são prioridades e ainda permitem a valorização das percepções dos participantes. Seguindo os caminhos orientados por Jovchelovitch; Bauer (2002) a partir de quatro fases o estudo foi construído, a saber: **fase preparação; fase de iniciação (narração central); fase de perguntas** e a **fase da fala conclusiva**.

As entrevistas foram gravadas a partir de uma câmera filmadora por se tratar de uma narrativa em língua de sinais que é articulada por sinais realizados no espaço que necessita desse mecanismo para registro. Em seguida as narrativas, foram traduzidas e transcritas para língua portuguesa, organizadas por meio da análise qualitativa, buscando atingir os objetivos da pesquisa.

A análise das narrativas seguiram os princípios defendidos por Jovchelovitch e Bauer (2002) e Goss (2010) sobre análise temática. Inicialmente, elaboramos um quadro com três colunas, inserindo, em seguida, as narrativas dos participantes na íntegra na primeira coluna, seguidas das reduções chegando às categorias de análises.

3.1. Uma família com Coda: a voz dos pais

A escolha dos participantes da pesquisa optou pelos seguintes critérios: ser pais surdos com filhos ouvintes e que, no âmbito familiar, utilizassem a Libras como língua principal de comunicação. Essa família reside na cidade de Natal – Rio Grande do Norte.

Ferraroti (1988, p. 27) ao fazer a defesa da autonomia do método biográfico. Afirma que “podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual”.

Faz-se necessário conhecer os ambientes sociais a partir dos indivíduos que nos permitem compreender as funções dos espaços sociais com relação às pessoas (BUENO, 2002).

Com ênfase nos pais surdos, participaram da pesquisa, o pai, cujo nome fictício, para fins desta tese, será Gerson, tem 45 anos de idade, é graduado em Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e, atualmente, professor substituto de uma universidade federal. A mãe, cujo nome adotado foi Selma, tem a mesma idade do seu esposo, é formada em Pedagogia e em Letras/Libras e faz parte do quadro de professores efetivos de uma universidade federal. As filhas receberam o nome de Julia (a primeira filha do casal) e Giovana (segunda filha do casal). O esclarecimento da pesquisa aos participantes foi realizado mediante termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), sendo fundamental para o aceite dos participantes que assinaram o termo, cumprindo os preceitos éticos exigidos.

Após essa caracterização dos participantes da pesquisa, apresento duas categorias de análise: **Aquisição da língua de sinais das filhas ouvintes; Necessidades dos pais**

diante da comunidade ouvinte. Entrelaçados pelos resultados, discussões e considerações finais no presente artigo.

4. Discussão sobre as narrativas dos pais surdos sobre suas filhas ouvintes

4.1. Aquisição da língua de brasileira de sinais

A narrativa a seguir evidencia a concepção da mãe surda sobre as características linguísticas de uma família com Coda, bem como o ensino da língua.

Então nossa primeira filha de nome Júlia, ela nasceu ouvinte em 1994 [...], aprendeu inicialmente como primeira língua, a Libras, por que nós dois, meu esposo e eu, somos surdos, e como ela nasceu ouvinte não podia separar. Então eu comecei a pensar de como seria esse aprendizado entre nós três, mas ocorreu de forma natural, por exemplo, ela começava a chorar, e eu em língua de sinais perguntava: o que foi? Por que você ta chorando? Então, ela, Júlia **apontava** e fazia o **gesto de mau cheiro**. No mesmo momento eu já ensinava alguns sinais que significava aquilo que ela estava apontando como, por exemplo o sinal de **cocô** e daí ela internalizava o sinal (**SELMA**)



Imagem 1: Sinal de apontar
Fonte: Direta do autor.



Imagem 2: Gesto de mau cheiro
Fonte: Direta do autor.



Imagem 3: Sinal de cocô
Fonte: Direta do autor.

A narrativa da mãe apresenta a mediação em Libras que ressalta a transformação do gesto no significado linguístico do sinal. Essa dimensão da mediação é citada na perspectiva vygotskyana acerca da apropriação das línguas orais no contato das crianças e pais ouvintes.

Na sua concepção de uma família com Coda, evidencia suas especificidades como mãe surda em um relacionamento com outro surdo e as interações com a primeira filha, que nasce ouvinte.

Autores afirmam que, para que a família seja considerada de Cudas, os pais devem ser surdos, e os filhos, ouvintes (ANDRADE, 2011; NEVES, 2012; OLIVEIRA, 2014; QUADROS, 2017).

As primeiras trocas linguísticas acontecem nas interações sociais da família, assim como em qualquer família, independente de ser Cudas ou serem famílias ouvintes.

Brunner (1997) ressalta que a família é o local que possibilita o desenvolvimento psicológico das crianças, além de ser onde se dá a socialização e a reprodução da cultura. Nessa família, a criança aprende a controlar suas emoções e resolver conflitos.

Embora a narrativa da mãe não explicita, no primeiro momento, que sua família seria de Coda, em um segundo momento, ressalta a convivência da sua primeira filha ouvinte, mediada pelas experiências com os pais e a cultura surda:

Ela evoluiu, aprendeu e inclusive vai para os encontros de CODA, e a mente mais aberta aprendeu a importância da cultura e que a mãe não era culpada, ela entendeu hoje é mais feliz e isso tem sido bom para vida dela (SELMA)

Quando a genitora se refere à ida da primeira filha aos encontros de Coda, está subentendido que sua família se caracteriza como Coda. O encontro nacional de Cudas, ou seja, de filhos ouvintes de pais surdos, acontece para compartilhar experiências culturais vivenciadas entre as comunidades surdas e ouvintes. O sexto encontro foi realizado no Rio de Janeiro, na Casa de Retiros Padre Anchieta, nos dias 24 a 26 de agosto de 2018.

O ensino da língua de sinais para Júlia, a primeira filha, também foi realizado pelo pai, a saber:

[...] uma outra coisa que fazíamos era mostrar para ela o sinal de quarto e em seguida falávamos aqui você dorme e ali é meu **quarto** eu **durmo** lá, também o **banho**, o sinal de **banheiro**, o local de fazer xixi e assim por diante (GERSON)

De acordo com Quadros (2017, p. 24), essa relação entre pais surdos e filhos ouvintes ou surdos torna-se um espaço favorável para “[...] que o legado da língua de sinais e da cultura torna-se patrimônio dos surdos e de seus filhos”.

O pai, no trecho acima, além de apresentar à filha o vocabulário da língua, a partir dos espaços estabelecidos em uma residência, também explicava a função e a quem pertencia cada espaço. O vocabulário em Libras que corresponde ao ensinado pelo pai à filha está representado abaixo:

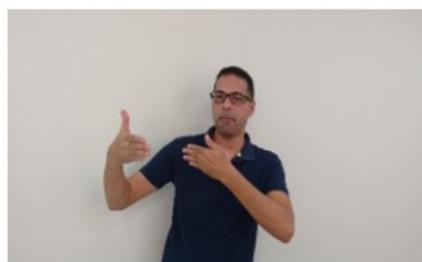
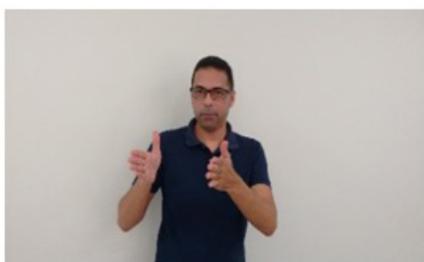


Imagem 4 e 5: Sinal de quarto
Fonte: Direta do autor.

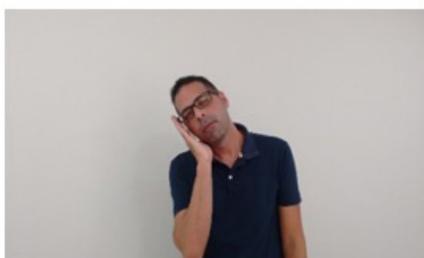


Imagem 6: Sinal de dormir
Fonte: Direta do autor.

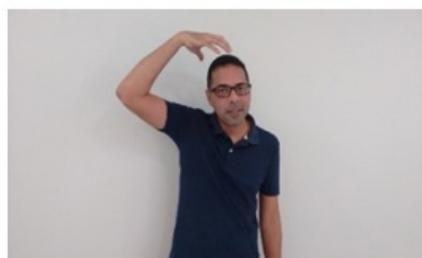


Imagem 7: Sinal de banho
Fonte: Direta do autor.

Percebe-se como são importantes os estímulos dos pais em favorecer a aquisição da linguagem das filhas. Esses exemplos mencionados até agora provam que a família é o espaço onde acontecem os primeiros contatos com a linguagem que se estabelece. Faco e Melchiori (2009) apontam que essa instituição é um espaço de socialização, local para o exercício da cidadania, desenvolvimento individual e grupal, independente do tipo de família.

4.2. Necessidades dos pais diante da comunidade ouvinte

Ao conviver em um espaço que utiliza duas línguas, torna-se tarefa bastante difícil quando não se tem o domínio de uma delas, isso quando não se tem um apoio de intermédio entre as línguas. Gerson, o pai surdo, relata que, desde muito cedo, a filha intermediava o “mundo sonoro” como o mundo dos surdos. Nessa narrativa abaixo, verifica-se a filha ouvinte desempenhando funções no âmbito do lar que, ao passar do tempo, será substituído por uma campainha luminosa que dará o alerta aos pais surdos de que alguém está à porta.

Lembro que não havia em casa campainha e nem com a luz piscando, não tínhamos tecnologia em casa, e acontecia de na rua ou alguém bater na frente da nossa casa e Júlia ouvia e logo corria para ver, pela janela, quem era a janela era alta ela tinha que levantar bastante os pés para poder enxergar a pessoa do lado de fora e chegava até nós e fazia o sinal de amigo na barriga fazia o sinal de “amigo” e apontava, então eu ia ver quem seria a pessoa e constatava que era um amigo e que eu conhecia,

ela olhava a conversa logo saía, outras ocasiões da mesma forma uma pessoa batia palma ela corria para nos dizer fazendo o sinal de “amigo” e apontando e eu ia lá fora para falar com a pessoa (**GERSON**)

Strobel (2009) afirma que a cultura surda é a forma que os surdos têm de compreender o mundo e modificá-lo, tornando-o mais acessível, a partir de suas experiências visuais. Tomando como base a compreensão dessa autora, podemos pensar que, na casa de Gerson, ao passar do tempo, foi existido mais independência e, nessa questão específica, minimizando a responsabilidade de que a primeira filha tinha de estar sempre sendo a “campainha da casa”.

A cultura surda é construída por artefatos culturais pertencentes ao povo surdo (STROBEL, 2009), e destacamos que o que ela chama de artefato cultural material, na fala de Gerson, é a campainha residencial.

A primeira filha ouvinte apresenta aspectos da cultura surda e da cultura ouvinte no espaço de duas línguas, os grupos possuem costumes diferentes, e até a forma de falar são distintas. Um grupo fala oralmente e o outro fala mediante sinais, e essa cultura na fala de Strobel (2009, p.27) “[...] significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo”.

Vários locais, Júlia me ajudou, interpretou, por exemplos: loja, loja de carro, em casa, quando eu comprava roupas, ligação de telefone, a luz quando sendo cortada, ela mediu a conversa, quando eu reclamei que havia pago e mostramos o papel, explicava, interpretava bem. Outra vez, em uma escola, eu falando em Libras, explicando no auditório, ela com o microfone falando e todos com olhar atento para ela, tinha umas crianças alunos que ficavam admirados olhando para ela e ela com 9 anos de idade, eu palestrando e ela, Júlia, ao microfone, com 9 anos ! Antes, ela com 5 anos também fez a interpretação de Arnor, ele fazia sinais e ela com o microfone falando o que foi dito. Já estava famosa, nós dois, Selma e eu nos lugares, nas entrevistas que nos faziam ela dizia nossa resposta e em seguida a pergunta que nos faziam ela passava em língua de sinais, ficava nessa troca (**GERSON**)

[...] lembro que nós dois surdos ela era a única que podia interpretar, ainda criança, com mais ou menos 3 anos de idade, pedia para ela ligar para alguém ou quando alguém me ligava eu pedia para ela atender e perguntava quem era e o que queria, e ela ao telefone interpretava a conversa, ela tinha uns 3 anos de idade, a gente sempre pedia, pedia, pedia era dependente, pedi para interpretar nos lugares que a gente costumava ir, esse incômodo, a deixa exausta. Ela era muito nova (**SELMA**)

A atividade e a responsabilidade de Júlia consistem em atividades como “ponte” entre a língua oral e a de sinais. O desenvolvimento dessas atividades era constante para os pais e amigos surdos dos pais, como vimos na própria residência, como também nos espaços frequentados pelos seus pais. Narrando sobre esse aspecto, Gerson informa que, devido à fluência que a filha possuía, ela, em diversas situações, fez, informalmente, o

papel de uma tradutora-intérprete de Libras. Na narrativa da mãe, fica clara a dependência dos pais para com a filha.

Teve um momento em que ela quis nos abandonar, falou que ia fugir, ia embora de casa. Eu falei: tenha calma! Também brigou com o pai, foi uma confusão imensa, ela não queria dependência, ela queria estar livre. Por esses pedidos constantes para interpretar desde criança e crescendo nesse ritmo, ela foi crescendo sufocada (SELMA)

Talvez esse lugar de dependência quanto à filha, como o trecho da narrativa da mãe acima, tenha gerado situação de obrigação, levando a filha irritar-se com essas cobranças de interpretar de uma língua para outra.

Outra questão lembra Pereira (2013), não apenas o fato de atuar como intérprete dos pais e mediar conversas por telefone, lojas, etc., mas, em muitos momentos, o filho ouvinte passa a ter uma atitude de “advogado” dos pais. Ele toma a frente nas resoluções de problemas, e esse cuidado extremo traz um fardo para o filho Coda, levando essas pessoas a sentirem, muitas vezes, a necessidade de serem cuidadas, com as responsabilidades minimizadas.

Segundo Oliveira (2014), essas eventualidades de tradução são comuns entre os Codas. Em muitas famílias, pais preservam os filhos dessa exposição na infância e até mesmo quando os filhos são adolescentes. Ela ainda salienta que, por ser uma profissional tradutora-intérprete de Libras, atualmente, não a torna melhor ou pior do que outros profissionais que não são Codas, mas revela que a experiência cultural obtida na relação com seus pais se torna um diferencial de extrema importância na construção profissional.

Na pesquisa de Andrade (2011), um participante relata que, em determinado momento da vida, achava que precisaria abdicar dos seus sonhos para viver em função dos seus pais surdos. Nesse caso, existe um sentimento de dependência, movido pela necessidade de os pais em interagir com os ouvintes, por intermédio de um filho que era ouvinte e conseguia fazer o pai compreender a partir da língua de sinais.

Eu lembro que uma vez uma ouvinte perguntou para Júlia os nomes de determinados sinais que ela fazia com as mãos e Júlia não sabia a escrita, dentro dela parece que só havia sinais, não tinha o português, os surdos perguntavam sempre para ela as palavras e ela não sabia, por que o que ela internalizou foram os sinais. Já Giovana os ouvintes perguntam os nomes de determinados sinais e logo ela escreve o seu significado, ela sabe. Eu não entendi a diferença entre as duas. Giovana responde aos ouvintes dando os sinais das palavras que eles perguntam. Júlia sabia apenas o sinal, mas a palavra não, bem diferente (SELMA)

Ao comparar as filhas, fica claro por que Júlia não sabia as palavras, ela pensava a partir da língua de sinais, seu vocabulário era rico na língua de sinais. Isso pelo fato de conviver diariamente com os pais e com o local de socialização dos pais, que era a associação dos surdos. O contato era maior com a língua sinalizada, mas não com a Língua Portuguesa escrita. Ao passo que a filha mais nova, além da escola, tinha a irmã ouvinte, compartilhando duas línguas.

Um aspecto que chama atenção, na infância da primeira filha, é o contato com a comunidade surda. Como de fato ela era a primeira filha, e a mãe, muito envolvida com a comunidade surda, com os interesses que envolvem essa comunidade, Júlia sempre esteve presente ao lado da mãe e ao lado de muitos surdos, desde os que iam constantemente a sua casa, como os muitos outros que frequentavam a associação na época de sua infância.

Júlia frequentava bastante a associação de surdos, o que contato fez ela evoluir na comunicação, percebendo os outros surdos o grupo de surdos sinalizando na associação, ela também brincava no balanço, sentada nas cadeiras que giravam, eram várias coisa que ela fazia quando estava por lá. Então desde bebê ela era acostumada a ver nossa conversa em língua de sinais e por isso hoje ela é fluente na Libras, não parece ser ouvinte que usa, parece ser surda pela fluência na Libras e o uso das expressões faciais, isso pelo costume observando as conversas em língua de sinais na Associação de Surdo, porque tem na família surdos, o pai é surdo, a mãe é surda e ela ouvinte percebendo a língua de sinais, ela tem como primeira língua, não foi o português e como segunda língua o português, foi o inverso de verdade, mesmo ela sendo ouvinte (**GERSON**)

Não apenas a mãe, mas o pai acompanhou de perto e narra o olhar atento da filha ao sinalizar com seus amigos surdos. Ele afirma que esse acesso constante à Libras tornou a filha fluente na língua de sinais e a compara com um surdo, ao utilizar, com tanta destreza, essa língua. Sobre a filha mais nova, ele relata:

Giovana minha, segunda filha, não é tão fluente, mas ela ainda está no processo de aprender a Libras, também ela não tem muito interesse, ela não frequenta a associação de surdos, é muito difícil ela está com a comunidade surda. Todos diminuíram a frequência à associação, surgimento da criação do curso de Letras/Libras, o surgimento do CAS, os crescimentos dos cursos, o surgimento das tecnologias de aprender Libras à distância. Antigamente não tinha isso, a associação de surdos era o lugar de interesse, de aprofundava-se em Libras foi o que aconteceu com minha primeira filha, a segunda filha o contato maior na Libras é com a gente, os pais (**GERSON**)

Diferente do acesso à Libras que Júlia tivera, Giovana não teve tanta oportunidade assim como a irmã. Na narrativa de seu pai, aponta-se a diminuição da frequência à associação de surdos, relata que muitos deixaram de frequentar, devido ao surgimento de outras instituições, como, por exemplo, o CAS (Centro de Atendimento ao Surdo), a criação do Curso Superior de Letras/Libras dentro da universidade. Até o espaço que servia como fonte de aprendizagem da língua de sinais deu lugar ao surgimento de novas tecnologias, permitindo o acesso à língua de sinais à distância. Sem falar no interesse, segundo ele, pois a filha mais nova não tem que falar em Libras como tivera Júlia. Resumindo, o maior contato com a língua de sinais foi, apenas, com os pais.

5. Pontuações Finais

Portanto, compreende-se que uma família de Cudas é bilíngue por utilizar duas línguas em momentos distintos. Tanto os pais como as filhas compreendem e usam as duas línguas, Libras e a língua portuguesa em momentos diferentes. Os pais surdos são professores universitários e utilizam a língua portuguesa na modalidade escrita em sua atuação profissional e, também, a Libras, uma vez que, é sua primeira língua e a disciplina das suas atuações profissionais. Enquanto a filha mais velha destaca a centralidade da Libras nas interações familiares e sociais, por outro lado, as narrativas da filha mais nova priorizam a utilização da Língua Portuguesa nos espaços cotidianos.

A utilização das duas línguas é frequente com relação a essa família, sobretudo, para as filhas. Inclusive, como vimos no corpo do trabalho, os pais surdos parecem depender da filha mais velha para inserir-se na comunidade geral ouvinte que utiliza a língua oral para se comunicarem. Pelas narrativas dos pais, a escolha profissional das filhas se deu pelo fato de ter uma fluência na Libras e pelo próprio incentivo dos pais

As conclusões também levam a acreditar que **Cudas que possuem um dos pais surdo**, poderá se identificar mais com a língua oral do que com a língua de sinais, ou seja, utilizar mais fortemente a oral em detrimento da língua de sinais ou vice-versa. É de extrema importância pesquisar essa categoria familiar para entender se Cudas dos mesmos pais surdos possuem processo de aprendizagem e escolhas semelhante aos Cudas de um dos pais surdos.

6. Referências

ANDRADE, Pablo Regis. **Identidade de filhos ouvintes quando os pais são surdos: uma abordagem sociológica sobre o processo de socialização**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais. Goiânia, 2011.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BRANCALIONE, Aline. **Aquisição bilíngue libras-português por uma criança CODA**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Letras. Pato Branco - PR, 2019.

BUENO, Belmira Oliveira. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CAPOVILLA, F. C. O implante coclear em questão. Benefícios e problemas, promessas e riscos. In: CAPOVILLA, F. C.; RAFHAEL, W. P. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: USP, 2001.

COUTINHO, Denise. **LIBRAS e Língua Portuguesa: semelhanças e diferenças**. João Pessoa: Ideia, 2009.

FACO, Vanessa Marques Gibran; MELCHIORI, Lúcia Ebner. **Conceito de família: adolescentes de zonas rural e urbana**. In: VALLE, TGM., (org.). *Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções* [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

FERRAROTTI, Franco. **Sobre a autonomia do método biográfico**. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988, p. 19-34.

FELIPE, T. A. **LIBRAS em contexto: curso básico**. Livro do estudante. Brasília, DF: MEC, 2001.

FERREIRA BRITTO, Lucinda. **Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS**. Série atualidades pedagógicas. Brasília: MEC/SEESP, 1998.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Trad.: William Oliveira e Daniel Miranda. Ed. PUC-Rio: Apicuri, Rio de Janeiro-RJ, 2016.

JOVCHELOVITCH, S; BAUER, M.W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: vozes, 2002.

MONTEIRO, Thaís Regina. **Processamento auditivo em crianças ouvintes filhas de surdos sinalizadores: um estudo caso-controle**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

NEVES, Bruna Crescêncio. **Narrativas de crianças bilíngues bimodais**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis, SC, 2013.

OLIVEIRA, Sônia Marta de. **CODA: um mundo, duas culturas? Dois mundos, duas culturas?** In: QUADROS, Ronice Müller de.; WEININGER, Markus J. (orgs.). **Estudos da língua brasileira de sinais III**. Florianópolis: Editora Insular: Florianópolis: PGET/UFSC, 2014.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação**. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PEIXOTO, Janaína Aguiar. **O conceito de sagrado em surdos congênitos: um estudo na língua brasileira de sinais**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

PEREIRA, Osmar Roberto. **Nascidos no Silêncio: as relações entre filhos ouvintes e pais surdos na educação**. Dissertação (Mestrado). Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Educação. São Bernardo do Campo, 2013.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. O 'BI' em bilinguismo na educação de surdos. In: FERNANDES, Eulalia. **Surdez e Bilinguismo**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

QUADROS, Ronice M. de. **Língua de Herança: língua brasileira de sinais**. Porto Alegre: Penso, 2017.

SANDER, Ricardo Ernani. **Educação bilíngue de filhos ouvintes de pais surdos(CODAs) com o olhar de pais surdos**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Educação, 2016.

SANDER, Ricardo Ernani. **Narrativas de filhos ouvintes de pais surdos – codas**, Sobre o crescer bilíngue. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília, 2020.

SANTOS FILHOS, Pedro Luiz dos. **Experiências vividas por filhas ouvintes e pais surdos: uma família, duas línguas**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação - PPGEd. Natal, 2020.

SILVA, Maitê M. **Codas Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais Brasileira: percurso para o profissionalismo**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, SC, 2016.

SOUZA, José Carlos Ferreira. **Intérpretes Codas: construção de identidade**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, SC, 2014.

STREIECHEN, Eliziane Manosso. **A aquisição da Libras por crianças ouvintes filhas de mãe surda em um contexto multilingüístico: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Centro - Oeste, PR, 2014.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2009.

VYGOTSKI, L. S. **A formação Social da Mente**. Tradução de José Cipolla Neto, Luis S. M. Barreto e Solange C. Afeche. São Paulo: 4. ed. Martins Fontes, São Paulo, SP, 1991.